



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
35ª CÂMARA DE DIREITO PRIVADO

Registro: 2025.0000442882

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos estes autos de Apelação Cível nº 1003454-43.2024.8.26.0191, da Comarca de Ferraz de Vasconcelos, em que é apelante PORTO SEGURO COMPANHIA DE SEGUROS GERAIS, é apelado EDP SÃO PAULO DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA S/A..

ACORDAM, em sessão permanente e virtual da 35ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferir a seguinte decisão: Deram provimento ao recurso. V. U., de conformidade com o voto do relator, que integra este acórdão.

O julgamento teve a participação dos Desembargadores ANA MARIA BALDY (Presidente) E MARRONE SAMPAIO.

São Paulo, 7 de maio de 2025.

GILSON DELGADO MIRANDA
Relator
Assinatura Eletrônica



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
35ª CÂMARA DE DIREITO PRIVADO

3ª Vara da Comarca da Ferraz de Vasconcelos

Apelação n. 1003454-43.2024.8.26.0191

Apelante: Porto Seguro Companhia de Seguros Gerais

Apelada: EDP São Paulo Distribuição de Energia S/A

Voto n. 31.521

RESPONSABILIDADE CIVIL. Oscilação na rede pública de energia. Danificação de aparelhos eletrônicos. Regresso por sub-rogação da seguradora no direito da consumidora segurada. Responsabilidade objetiva das concessionárias de serviço público. Inteligência do artigo 37, § 6º, da Constituição Federal. Ausência de elementos para exclusão do nexo de causalidade. Danos materiais e pagamento da indenização securitária devidamente comprovados. Sentença reformada. Recurso provido.

Vistos.

Cuida-se de recurso de apelação interposto para impugnar a sentença de fls. 190/192, cujo relatório adoto, proferida pelo juiz da 3ª Vara da Comarca da Ferraz de Vasconcelos, João Luis Calabrese, que julgou improcedente o pedido inicial e, por conseguinte, condenou a autora ao pagamento das custas e dos honorários advocatícios fixados em 15% do valor da causa.

Segundo a apelante, autora, a sentença deve ser reformada, em síntese, porque está demonstrada nos autos a responsabilidade da ré. Sustenta que "o nexo causal foi devidamente comprovado, através dos laudos de oficina carreados aos autos, os quais são categóricos em afirmar que os danos causados aos bens assegurados, foram oriundos da má qualidade da energia elétrica fornecida pela Apelada e decorreram de distúrbios provenientes de sua rede de distribuição, tais como oscilações, picos de tensão e sobre tensão de energia elétrica nas unidades consumidoras". Alega que "a Apelada não produziu contraprova que afastasse sua responsabilidade objetiva". Afirma que "os laudos apresentados pela seguradora foram elaborados por empresas idôneas e imparciais, as quais não possuem nenhum interesse na lide". Aponta a desnecessidade de preservação dos bens para realização de perícia. Defende que "a perícia neste caso seria irrelevante, pois o fato controvertido nos autos é a qualidade do serviço prestado pela apelada, logo não há que se falar em cerceamento de defesa já que a prova caberia a apelada". Aduz que "o fundamento de que a prova pericial era essencial não



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
35ª CÂMARA DE DIREITO PRIVADO

pode subsistir, tendo em vista que a causa já se encontrava madura para a apreciação de seu mérito, não podendo se admitir a produção de provas inúteis ou meramente protelatórias, razão pela qual a sentença deve ser reformada". Subsidiariamente, requer a redução do quantum arbitrado a título de honorários advocatícios sucumbenciais.

Recurso tempestivo, insuficientemente preparado (fls. 213/214) e respondido (fls. 218/226).

Distribuído o recurso na forma da Resolução n. 903/2023 do Órgão Especial deste Tribunal de Justiça, não houve oposição ao julgamento virtual.

Determinada a complementação do preparo recursal (fls. 230), a recorrente apresentou tempestivamente o recolhimento da taxa judiciária (fls. 233/235).

Esse é o relatório.

Cinge-se a controvérsia acerca da responsabilidade civil da concessionária de energia elétrica quanto aos prejuízos sofridos pela segurada consumidora em virtude de descarga elétrica e, por conseguinte, o regresso por sub-rogação da seguradora no direito da consumidora segurada.

O recurso comporta **provimento**.

Na espécie, diferentemente do que entendeu o juízo de primeiro grau, os autos foram instruídos com conjunto probatório hábil a demonstrar o nexo de causalidade entre o evento danoso (descarga elétrica) e os prejuízos suportados pela consumidora (perda dos equipamentos elencados na inicial). Com efeito, nota-se que a inicial foi devidamente instruída com a apólice do seguro vigente na época do sinistro, comprovante de pagamento da indenização, laudos técnicos e documentação correlata (fls. 66/83), não havendo que se falar, portanto, em falta de qualquer documento indispensável à demonstração do nexo de causalidade em tela.

Com efeito, não há nenhum elemento capaz de infirmar os laudos técnicos apresentados pela autora que apontaram, de forma latente, que as avarias dos equipamentos da segurada foram causadas por descarga elétrica. Essa prova, aliás, foi realizada na forma orientada pela Resolução n. 956/2021 da ANEEL, especialmente por seus Procedimentos de Distribuição de Energia Elétrica no Sistema Elétrico Nacional (PRODIST) - Módulo 9 - Ressarcimento de Danos Elétricos, que estabelecem que a existência de dano elétrico no equipamento avariado pode ser evidenciada na

conclusão de laudo de oficina. Confira-se:

"17. A existência de dano elétrico no equipamento objeto da solicitação pode ser examinada na conclusão do Laudo de Oficina ou da Verificação, entre outros meios.

[...]

18. O Laudo de Oficina é o documento emitido por oficina que detalha o dano ocorrido no equipamento objeto da solicitação de ressarcimento e tem como intuito confirmar se o dano reclamado tem origem elétrica, podendo estar acompanhado do orçamento para o conserto do equipamento.

[...]

21. Caso a distribuidora solicite o Laudo de Oficina e este confirme que o dano tem origem elétrica, há obrigação de ressarcir o equipamento reclamado, exceto:

- a) se o Laudo de Oficina também indicar uma das situações previstas nas alíneas "b" e "c" do item 23; ou
- b) quando a distribuidora comprovar que houve fraude na emissão do Laudo de Oficina.

21.1. Caso ocorram as exceções listadas nas alíneas do item 21, a distribuidora pode indeferir a Solicitação de ressarcimento.

22. A distribuidora não pode se negar a receber Laudos de Oficina do consumidor, mesmo que não os tenha solicitado.

23. Não cabe ressarcimento nos casos em que o Laudo de Oficina indicar que:

- a) o equipamento está em funcionamento;
- b) o mau funcionamento não é decorrente de danos causados pelo fornecimento de energia elétrica; ou
- c) a fonte retificadora de alimentação não esteja danificada, no caso de equipamentos eletrônicos" [grifei].

Como exposto na inicial, na data do evento indicada, a unidade consumidora da segurada da autora foi afetada por distúrbios elétricos, provenientes da rede de distribuição administrada pela apelada, os

quais ensejaram danos a equipamentos eletrônicos que guarneciam o referido imóvel, consoante pormenorizadamente relatado no aviso de sinistro, relatório de regulação e laudos técnicos. Impende asseverar que, após a ocorrência dos fenômenos elétricos em questão, a seguradora contratou serviços de empresas especializadas para avaliação dos danos em seus equipamentos. Referidas empresas atuam no mercado de consumo especificamente no setor de assistência técnica e reparo de eletroeletrônico.

Ademais, no tocante à necessidade de guarda dos equipamentos, não assiste razão à concessionária, já que os laudos não foram elaborados pela seguradora, mas por empresas independentes, técnicas na área, sem vínculo com a seguradora. Nesse sentido, consignem-se acórdãos em casos parelhos deste Tribunal de Justiça:

"APELAÇÃO CÍVEL. Ação regressiva de ressarcimento de danos. Oscilação na rede de distribuição de energia elétrica. Sentença de improcedência. Irresignação recursal da autora. Acolhimento. Queima de equipamentos eletroeletrônicos. Prova hábil consubstanciada nos laudos técnicos, emitidos por empresas terceirizadas, idôneas e especializadas no ramo. Nexo de causalidade evidenciado. Autora que se sub-rogou nos direitos dos consumidores, após o pagamento das indenizações securitárias (art. 786, caput e art. 349, ambos do CC). Relação de consumo caracterizada. Incidência do CDC ao caso concreto. Responsabilidade objetiva da concessionária ré (art. 14, do CDC). Ré que não comprovou a exclusão de sua responsabilidade (art. 373, II, do CPC c.c art. 14, §3º do CDC). Sentença reformada. RECURSO PROVIDO" (TJSP, Apelação n. 1013170-65.2022.8.26.0482, 27ª Câmara de Direito Privado, j. 14/05/2024, rel. Des. Sergio Alfieri).

"Responsabilidade civil. Prestação de serviços. Energia elétrica. Ação regressiva movida pela seguradora. Danos elétricos indenizados ao segurado. Responsabilidade objetiva da prestadora de serviço público. Danos e nexo causal evidenciados. Desnecessidade de prova pericial. Excludente de responsabilidade. Ausência. Compete à concessionária de energia elétrica adotar as medidas de segurança e proteção necessárias para evitar a oscilação da corrente elétrica em caso de descargas atmosféricas, por se tratar de evento previsível, cuja ocorrência não caracteriza força maior. Risco da atividade desenvolvida pela concessionária, o qual não pode ser transferido ao consumidor. Dever indenizatório



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
35ª CÂMARA DE DIREITO PRIVADO

configurado. Recurso não provido. Arbitramento de honorários sucumbenciais recursais. (TJSP, Apelação n. 1010479-09.2019.8.26.0248, 28ª Câmara de Direito Privado, j. 06/05/2020, rel. Des. Cesar Lacerda)

Nesse contexto, como é cediço, para as concessionárias de energia elétrica, "descargas atmosféricas não constituem caso fortuito ou força maior, pois previsíveis e passíveis de ter seus efeitos afastados ou minorados" (TJSP, Apelação n. 1117705-71.2015.8.26.0100, 24ª Câmara de Direito Privado, j. 07/08/2017, rel. Des. Walter Barone).

Não pode ser diferente, por certo! No mesmo sentido, em brilhante acórdão da lavra do ilustre Desembargador Artur Marques, essa 35ª Câmara de Direito Privado verberou:

"CIVIL. AÇÃO REGRESSIVA. SEGURO. DANOS ADVINDOS DE OSCILAÇÃO DE TENSÃO DA REDE ELÉTRICA. CONCESSIONÁRIA DE SERVIÇO PÚBLICO. RESPONSABILIDADE CIVIL OBJETIVA, ART. 37, §6º, CF. PAGAMENTO AO SEGURADO COMPROVADO. DEMONSTRAÇÃO DE NEXO DE CAUSALIDADE ENTRE O DANO MATERIAL SOFRIDO PELO SEGURADO E O SERVIÇO PRESTADO PELA CONCESSIONÁRIA. EXISTÊNCIA DO DEVER DE INDENIZAR. SENTENÇA REFORMADA.

1. A responsabilidade civil da concessionária de serviço público de fornecimento de energia elétrica pelos danos advindos de falhas na prestação do serviço é objetiva e independe de culpa, por força do art. 37, § 6º, da Constituição Federal, estando diretamente atrelada à teoria do risco administrativo.

2. A prova dos autos é suficiente a demonstrar a existência de nexo causal entre os danos alegadamente suportados pelos segurados e o serviço prestado pela apelante, pois os documentos apresentados pela autora, que identificam o liame da oscilação de voltagem e os danos nos componentes eletrônicos, são, na espécie, hábeis a demonstrar a existência do liame causal.

3. Assim, é o caso de se reformar a r. sentença para se condenar a requerida a ressarcir a autora, ora apelante, no valor de R\$ 2.526,21 (dois mil, quinhentos e vinte e seis reais e vinte e um centavos), com correção monetária desde os desembolsos e juros moratórios de 1% (um por

cento) ao mês desde a citação, além das custas e despesas processuais e dos honorários advocatícios do patrono da autora, fixados em 15% (quinze por cento) do valor da condenação, já considerado o disposto no art. 85, § 11, do CPC. 4. Recurso provido" (TJSP, Apelação n. 1084513-79.2017.8.26.0100, 35ª Câmara de Direito Privado, j. 18/03/2020, rel. Des. Artur Marques).

Em outro precedente:

"REGRESSIVA. SEGURO. DANOS EM APARELHOS ELETRÔNICOS DO SEGURADO, EM RAZÃO DE OSCILAÇÃO DE TENSÃO DE ENERGIA ELÉTRICA FORNECIDA PELA RÉ.

1. Os danos causados aos equipamentos do consumidor, em razão da oscilação da tensão, devem ser ressarcidos.

2. Via de regra, um acontecimento natural como a queda de um raio configura "força maior", excludente de responsabilidade.

3. No ramo explorado pela ré (fornecimento de energia elétrica), todavia, esse tipo de evento faz parte dos riscos a que está exposta a prestação de serviços.

4. Equipara-se, portanto, no nosso entender, ao fortuito interno (ou seja, fato inerente aos riscos assumidos no exercício da atividade a que se prestou).

5. Essa é a razão pela qual a ela caberia demonstrar que se preparou adequadamente e se munuiu do aparato tecnológico necessário para o enfrentamento de problemas relacionados com intempéries e seus desdobramentos. Ônus do qual não se desincumbiu.

6. Documentação que fez prova cabal do pagamento e danos causados aos aparelhos. Recurso não provido." (TJSP, Apelação n. 1002532-44.2019.8.26.0363, 14ª Câmara de Direito Privado, j. 04/03/2020, rel. Melo Colombi).

No mesmo sentido: 1) TJSP, Apelação n. 1069966-24.2023.8.26.0100, 35ª Câmara de Direito Privado, j. 10/06/2024, rel. Des. Flavio Abramovici; 2) TJSP, Apelação n. 1001945-43.2023.8.26.0246, 35ª Câmara de Direito Privado, j. 29/04/2024, rel. Des. Mourão Neto; 3) TJSP, Apelação n. 1003597-70.2023.8.26.0319, 35ª Câmara de Direito Privado, j. 25/04/2024, rel. Des. Melo Bueno; 4) TJSP, Apelação n. 1017893-22.2022.8.26.0032, 35ª Câmara de Direito Privado, j. 24/06/2024,



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
35ª CÂMARA DE DIREITO PRIVADO

rel. Des. Ana Maria Baldy; 5) TJSP, Apelação n. 1019819-49.2023.8.26.0114, 27ª Câmara de Direito Privado, j. 27/06/2024, rel. Des. Celina Dietrich Trigueiros; 6) TJSP, Apelação n. 1032714-47.2020.8.26.0114, 16ª Câmara de Direito Privado, j. 17/04/2024, rel. Des. Mauro Conti Machado.

Como a segurada era também consumidora da apelada, a parte apelante sub-rogou-se nos direitos e ações daquela, tudo na forma do artigo 346, inciso III, do Código Civil. Vale dizer, a sub-rogação opera-se, de pleno direito, em favor do terceiro interessado que paga a dívida pela qual era ou podia ser obrigado, no todo ou em parte.

À vista dessas considerações, demonstrados o nexo de causalidade e os danos, com a configuração da responsabilidade da distribuidora de energia, ora apelada, pelo prejuízo sofrido pela segurada, comprovado o desembolso pela seguradora e caracterizado o dever de indenizar, de rigor o reconhecimento da procedência do pleito regressivo, devendo ser ressarcida à autora, ora apelante, a importância descrita na inicial (R\$ 12.395,00). Tal valor deve ser acrescido de correção monetária a contar da data do desembolso (Súmula n. 43 do Superior Tribunal de Justiça) e juros de mora desde a citação (artigo 240 do Código de Processo Civil), observados os seguintes regimes jurídicos: **a)** Código Civil de 2002: de 12/01/2003 até 30/08/2024, se não houver coincidência entre os termos iniciais de correção monetária e de juros moratórios, aquela deve ser feita pela Tabela Prática de Atualizações deste Tribunal até coincidir com o termo inicial destes, a partir de quando incidirá exclusivamente a Taxa SELIC, vedado o 'bis in idem'; **b)** Lei n. 14.905/2024: a partir de 31/08/2024, a correção monetária deve ser feita pelo IPCA-IBGE (nova redação do artigo 389 do Código Civil) e os juros moratórios legais são equivalentes à diferença entre a SELIC e o IPCA (nova redação do artigo 406 do Código Civil).

Em razão da inversão da sucumbência, condeno a ré, apelada, ao pagamento das custas, das despesas processuais e dos honorários advocatícios arbitrados em **15% do valor da condenação**.

Posto isso, **dou provimento** ao recurso.

GILSON MIRANDA

Relator

Assinatura Eletrônica